

# O Relacionamento Pessoal entre Professores e Alunos nas Aulas Individuais de Instrumento/Canto em Portugal e a sua Influência no Percorso Musical do Aluno: Um Estudo de Caso



Revista Portuguesa  
de Educação Artística

Personal Relationship between Teachers and Students in Individual Instrumental/Voice Lessons in Portugal, and its Influence on the Musical Development of the Student: A Case Study

*Sofia Cosme*

Academia Superior de Orquestra da Metropolitana — Universidade Lusíada  
— Mestrado em Ensino da Música  
sofiafsc@hotmail.com

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo uma melhor compreensão da relação que se estabelece entre os professores de instrumento (ou canto) e os seus alunos no contexto da aula individual em Portugal e descobrir se esta relação tende a afetar o percurso pedagógico-musical dos alunos, verificando qual a possível ligação entre ambos. Para tal realizou-se um questionário a professores e outro a alunos, que foram distribuídos em quatro conservatórios portugueses. Os resultados foram analisados com o programa de estatística SPSS 19.

Na discussão verificou-se que em Portugal tanto a maioria dos professores como dos alunos tem a perceção de partilhar uma relação satisfatória, afirmando os professores que se sentem realizados na sua profissão e os alunos que se sentem motivados e com confiança nos seus professores.

Ambos concordam com a permissão que esta relação é de extrema importância para a boa evolução do aluno como músico, tal como os livros e estudos consultados para a base teórica deste artigo nos indicam.

Palavras-chave: Aulas Individuais; Professores; Alunos; Instrumento e Canto; Relações na Aprendizagem; Motivação.

## ABSTRACT

The purpose of this article is an improved understanding of the relationship between teachers and their students in the context of individual music instrumental lessons in Portugal. It seeks as well to discover if this relationship affects the student's musical and pedagogical evolution and to establish a connection between both. The methodology uses two questionnaires, one for teachers and another for students, which were distributed in four of Portugal's major conservatories. The results were analysed with the statistics software SPSS19.

Interpreting the results, the conclusion is that teachers and students share a satisfying relationship; teachers affirm they feel fulfilled in their profession, and students show themselves motivated by and confident in their teachers.

A large majority (both teachers and students) seem to agree with the idea that this relationship is of extreme importance for the optimal development of the student as a musician, exactly as is stated in the books and studies that were chosen as theoretical sources to elaborate this article.

Keywords: Individual Lessons; Teachers; Students; Musical Instrument and Singing; Teaching-learning Relationships; Motivation.

## Relacionamentos pessoais entre professores e alunos: possível relevância e motivos do presente estudo

Todos os autores consultados para a elaboração deste artigo estão de acordo em como a relação pessoal que um aluno partilha com o seu professor na aula individual é de extrema importância no seu desenvolvimento musical (Lehmann, Sloboda & Woody, 2007: 186; Olsson, 1997: 290-3; Booth, 2009: 223; Welch & Ockelford, 2009: 311-12, 317). Esta relação é de natureza diferente daquela que existe entre professor e alunos numa aula de grupo pois ambos os intervenientes, pelo facto de passarem muito tempo apenas em companhia um com o outro, podem mais facilmente tornarem-se próximos do ponto de vista pessoal (Lehmann, Sloboda & Woody, 2007: 186). A proximidade e o conhecimento mútuo criados e desenvolvidos nestas aulas sempre foram algo que me pareceu interessante explorar, uma vez que, dentro de uma sala de aula, se dá o encontro de duas personalidades completamente diferentes que interagem de inúmeras formas, produzindo resultados muitas vezes inesperados, segundo o que tenho podido testemunhar ao longo de vários anos de docência. Na minha opinião temos também que ter em consideração que o ato de “fazer música” implica uma grande exposição de sentimentos e demonstração de aspetos frequentemente escondidos de cada indivíduo, é algo que provém do seu íntimo e que se torna visível aos olhos daquela pessoa que nos ouve/ensina; forçosamente os dois intervenientes desta relação terão de se sentir minimamente confortáveis e em segurança um com o outro durante este processo. Tentarei confirmar esta hipótese analisando as respostas às questões ligadas a esse ponto.

Nesta relação a dois não se verifica a pressão externa do grupo e é mais fácil cada indivíduo atuar, para o melhor e para o pior, segundo a sua verdadeira personalidade, não sendo possível a sua dissimulação no seio de um grupo (Grainger, 2003: 16).

A problemática que gostaria de estudar nesta investigação é, portanto, qual o papel que a relação pessoal que se estabelece entre o professor e o aluno, no âmbito da aula individual de instrumento (música), tem na vontade própria de evolução da parte do aluno, na sua progressão na aprendizagem do

instrumento e na expressão de musicalidade; o que leva um aluno, por exemplo, a desistir quando o seu professor parte da escola, mesmo sabendo que quem o vai substituir será com certeza alguém muito competente. Aparentemente, em muitos casos, a ligação emocional criada parece ser extremamente forte.

A vontade de melhorar e a evolução musical do aluno não dependem somente do tipo de relação com o seu professor, existindo inúmeros outros fatores que entram nesta equação (Welch & Ockelford, 2009: 307-9). Quando utilizo o termo “alunos”, refiro-me a indivíduos de qualquer idade que estão a aprender um instrumento de música e não apenas a indivíduos em idades escolares, apesar dos questionários utilizados para realizar este estudo terem sido respondidos na sua maioria por estes últimos. Assim sendo, ainda mais abrangente se torna o número de razões que podem levar um aluno a perder a vontade de prosseguir os seus estudos. É deste assunto que tratam Graham Welch e Adam Ockelford no seu artigo sobre o papel das instituições (escolas) e professores no apoio e motivação à aprendizagem (2009: 307, 309). Estes autores relatam-nos os resultados de uma série de estudos efetuados em Inglaterra com alunos de diversas idades, em diferentes contextos de aprendizagem e níveis de ensino, onde é claramente demonstrada a importância da relação destes com os seus professores de instrumento/voz, mas onde também são determinantes muitos outros fatores nas suas escolhas musicais. Bengt Olsson, em “The social psychology of music education” (1997: 290-293), também se encontra de acordo com esta visão da aprendizagem musical, a partir de estudos efetuados na Suécia, assim como Andreas C. Lehmann, John A. Sloboda e Robert H. Woody no capítulo 10 do seu livro *Psychology for Musicians: Understanding and acquiring the skills* (2007), intitulado “The Teacher”.

Não existem ainda muitos estudos publicados relacionados especificamente com a problemática que pretendo estudar, pelo que foi necessário recorrer a livros e publicações de estudos sobre o relacionamento entre professores e alunos em geral, ou em aulas de música mas em formato de grupos tais como coros ou orquestras escolares. A literatura encontrada sobre o contexto da aula individual de instrumento dirige-se especialmente à parte pedagógica (de que forma a personalidade do professor influencia a sua transmissão de conhecimento ao aluno e quais as reações deste), não aprofundando muito o ângulo da relação pessoal por si só como fator de influência. Surgem então as perguntas: será que o facto do professor ter traços de personalidade “ideais”, tais como bons atributos de comunicação e saber

transmitir os seus conhecimentos oralmente de forma clara, é suficiente para ajudar o aluno a evoluir musicalmente? Poderá o facto de saber exemplificar de forma correta o que quer que o aluno faça (por ser um bom intérprete) não ser por si só suficiente?

Na relação com o aluno, será preferível o professor escolher e seguir conscientemente um dos modelos já conhecidos (abordados de seguida) ou não deverá pensar nesse assunto de modos a ser mais “natural”? O que têm os alunos e os professores em Portugal a dizer sobre estas questões, de acordo com as suas experiências pessoais? Espero encontrar respostas a estas e outras questões de grande utilidade a partir dos questionários utilizados na realização deste estudo.

## Reflexão sobre os dados apresentados nos livros e artigos consultados

Vários estudiosos elaboraram textos nos últimos anos sobre os traços gerais da personalidade dos professores de instrumento e como estes poderão ser importantes na sua relação com o aluno. Segundo Lehmann, Sloboda e Woody (2007: 202), de acordo com estudos efetuados, uma pessoa que é socialmente confiante e extrovertida consegue demonstrar mais facilmente, durante as aulas, as características de “intensidade do professor” que estão ligadas a uma maior atenção e melhores resultados por parte dos alunos. Estas características incluem, para além de outras, o uso de diferenças na inflexão e intensidade vocais, diferentes velocidades do discurso, gesticulação física e expressões faciais (Lehmann, Sloboda & Woody, 2007: 194; Olsson, 1997: 297). Uma curiosidade ligada a esta questão é que os estudos efetuados parecem mostrar que os músicos que dedicam a maior parte da sua vida à interpretação solística e/ou trabalho exclusivo de orquestra (e ao estudo individual) mostram traços de personalidade muito diferentes daqueles que são observados nos músicos que dedicam a sua vida ao ensino (Kemp, 1996: 14). Aparentemente os intérpretes/concertistas são em geral mais introvertidos, intuitivos e menos consistentes emocionalmente. Os professores de música (de aulas de grupo) são por sua vez mais extrovertidos e emocionalmente estáveis, com maior facilidade de comunicação verbal e física; todas estas situações são variáveis e dependem do grau de ensino e

das idades dos alunos (Lehmann, Sloboda e Woody, 2007: 200-3). Segundo estes escritores, professores de aulas individuais de instrumento apresentam uma mistura destas características o que se deve ao facto de, muitas vezes, continuarem a exercer ao mesmo tempo a profissão de intérpretes, sendo esta uma situação comum especialmente no caso das aulas particulares. Estes autores têm como seguro que um caráter mais extrovertido, que é normalmente acompanhado por uma maior interação com os alunos e maiores contrastes na intensidade de verbalização e linguagem corporal (acompanhados, por sua vez, de uma consciência de quais os objetivos que se pretendem atingir) consegue em geral melhores resultados na relação com o aluno e na consequente evolução deste. A autoconfiança, o entusiasmo, a flexibilidade e a capacidade de liderança pró-ativa parecem também ter um papel importante na boa relação e na boa evolução do aluno (*Idem*: 202). Existe ainda, para além dos traços de personalidade mencionados, o caso do professor que é egocêntrico, centrando portanto as aulas em si próprio (caso comum dos professores que mantêm paralelamente ao ensino a sua profissão de intérpretes/solistas), ou o que coloca o aluno no centro: conseguindo ter o aluno como prioridade nas suas preocupações e disponibilizando toda a sua energia e conhecimentos ao serviço de conseguir fazer *aquele aluno* tocar melhor (Pembrook & Craig, 2002). Para isso, tem que fazer parte da personalidade de um professor o desejo de auxiliar os alunos, o que proporciona tanta ou maior satisfação nos consequentes bons resultados destes últimos como a satisfação que o professor músico sente quando ele próprio faz música (Lehmann, Sloboda & Woody, 2007: 202).

Outra característica que parece ser importante na sua personalidade é o professor apreciar realmente a sua profissão (arte e ensino) e ter sempre o mesmo entusiasmo com os alunos. Se chega ao ponto de trabalhar só pela remuneração, algo está mal (Booth, 2009: 36, 37). Segundo este autor, 80% do que ensinamos é o que nós somos na nossa essência, é “nós próprios”; os alunos olham para os seus professores e para tudo o que estes fazem e dizem e o entusiasmo destes pela arte é-lhes transmitido; eles sentem-no e sabem se é real ou fingido. A autenticidade do professor é uma das suas maiores forças e não devem sentir que têm de esconder o seu entusiasmo, paixão profissional ou personalidade por detrás de uma “máscara de professor” (Booth 2009: 36, 37). Ainda me recordo do professor que mais me marcou como aluna: um professor de História da Música na Escola de Música do Conservatório Nacional (Lisboa), por este mesmo motivo. A sua paixão ao transmitir-

nos factos históricos sobre os compositores (das suas vidas e contextos sociais e históricos) e a forma como nos mostrava, entusiasmado, os exemplos musicais, mantinha todo o grupo com total atenção até ao final de cada aula; graças a ele eu quis saber mais sobre os assuntos tratados e tocar melhor, no meu instrumento, as obras desses compositores. Fez-me também apreciá-lo bastante como pessoa e como professor.

Apesar do facto de ser extrovertido parecer ser uma característica que auxilia a existência de uma boa relação com o aluno, um outro ponto em comum dos estudos e textos consultados (aliás, muito enfatizado em todos eles), é que o professor, dentro da aula, deve reduzir ao mínimo o tempo de conversação com o aluno: o tempo dispensado em explicações, “palestras” sobre os mais diversos assuntos (monólogos ou diálogos com o aluno), sejam estes os assuntos da aula ou outros, devem ser reduzidos ao mínimo para que se consiga um máximo de atenção da parte do aluno e um máximo de objetivos atingidos (Olsson, 1997: 296; Booth, 2009: 27, 30; Lehmann *et al.*, 2007: 186, 194, 195). Tudo o que for transmitido na aula deve sê-lo com uma linguagem o mais clara possível, adaptada à realidade do aluno, e deve servir claramente o objetivo que se apresenta nesse momento. Esta afirmação pode parecer um pouco contraditória com o facto de se tornar claro nestes textos que a relação do professor com o aluno é de extrema importância no desenvolvimento do último como músico e como pessoa; no entanto, o que estes autores defendem de acordo com os estudos que efetuaram e outros que eles próprios consultaram é que, sim, o professor e o aluno terão uma melhor relação um com o outro se se conhecerem pessoalmente (gostos, preferências, atividades, etc.), mas que este tipo de diálogo, indispensável para uma boa relação, seria mais indicado fora do contexto da aula (Booth, 2009: 28). Dentro deste contexto, a boa relação entre os dois deve ser usada apenas para atingir objetivos musicais.

Uma outra característica importante na personalidade do professor de instrumento é que este deve ser, acima de tudo, um bom ouvinte, musical e pessoalmente (Booth, 2009: 223).

Toda a questão à volta da personalidade ideal do professor leva-nos a pensar na relatividade deste ponto do estudo; os próprios autores consultados e citados deixam claro que ainda há muito a estudar e descobrir nesta área (traços de personalidade do professor) de modo a obter uma ideia mais aproximada das possíveis transformações sofridas ao longo da vida de um indivíduo (especialmente Kemp, 1996: 14). Apesar de existirem várias teorias sobre o assunto

da personalidade do ser humano (combinação organizada e única de características, valores e comportamentos de cada pessoa – Sigelman & Rider, 2009: 309) e a sua evolução e mudança ao longo da vida, a maioria delas aceita que a personalidade pode alterar-se (ou controlar-se, moderar-se) com a idade, as experiências, os contextos sociais e as condições de vida (Sigelman & Rider, 2009: 309-312).

Segundo a minha própria opinião, os livros e artigos consultados encontram-se algo incompletos por não tomarem em consideração os dados relativos às personalidades dos alunos implicados nos estudos. Trata-se de uma questão muito complexa que terá provavelmente um número infinito de respostas possíveis dependendo dos pares de intervenientes; no entanto, se pelo menos conhecermos os resultados dos estudos efetuados noutros países sobre a parte da relação relativa aos professores, teremos uma certa base de compreensão do que se passa na sala de aula e de quais as “características ideais” de personalidade e de relacionamento, segundo a interpretação dos autores destes estudos.

Um dos fatores de grande peso que pode levar um professor de música a sentir-se realizado ou não na sua profissão é o facto de gostar ou não do seu trabalho, tal como foi mencionado antes. Existe, no entanto, um problema, tal como Lehmann, Sloboda e Woody também mencionam no seu texto (2007: 185), que é o surgimento nos músicos da necessidade de dar aulas: muitos dos atuais professores de instrumento não estudaram música para vir um dia a exercer essa atividade, o objetivo do seu percurso académico era o de serem músicos-intérpretes ativos. De acordo com situações que tenho observado de perto, apesar de saberem de antemão que provavelmente não seria possível viverem apenas da profissão de intérpretes, devido aos poucos lugares existentes nas orquestras e à muita concorrência que se verifica, e que, um dia, *teriam* que dar aulas, pensam frequentemente enquanto alunos que essa ocupação será no futuro apenas um meio auxiliar de subsistência. É esta a grande problemática: afinal, muitos dos músicos acabaram por ter efetivamente que se tornar professores a tempo inteiro por necessitarem de um salário seguro ao fim do mês, acabando por não terem conseguido entrar em nenhuma orquestra nem por terem um grupo de música de câmara suficientemente ativo; é assim que encontramos alguns professores de instrumento contrariados na sua profissão e entendemos o ditado que se ouve tantas vezes no meio musical a nível mundial: “quem consegue, toca, quem não consegue, ensina” (também mencionado pelos autores

dos textos consultados). Nem todos os casos são iguais: alguns professores desejavam realmente dar aulas desde o seu tempo de estudantes, era esse o seu objetivo. Outros talvez não, mas acabaram por se sentir realizados com essa parte da profissão que se tornou na sua atividade principal: descobriram-na e dedicaram-se realmente a ela. Outros conseguiram entrar em orquestras ou ser solistas e são intérpretes ativos de alto nível mas decidiram, para além dessa atividade, ser também professores em tempo parcial, por sentirem vontade de transmitir os seus conhecimentos e experiência a jovens e formá-los para o futuro. No entanto existem seguramente ainda professores que estão contrariados no ensino, o que tem grandes repercussões nas relações que estes têm com os seus alunos (Lehmann, Sloboda & Woody, 2007: 185).

Se analisarmos de seguida os tipos de relação que se têm verificado ao longo dos anos entre professores e alunos, constatamos que existiram na história e nas mais diversas culturas três tipos de relação professor-aluno: a de mestre/aprendiz, a de mentor(ajudador)/pessoa guiada e a de pai/filho (os autores que os mencionaram serão identificados de seguida). Mais recentemente tenho também assistido a um quarto tipo de relação, que denominarei “relação amigo/amigo”.

Na relação mestre/aprendiz o professor transmite os seus conhecimentos ao aluno e demonstra “a sua arte”; está aqui implícito que os alunos querem e devem copiar o professor a todos os níveis e normalmente a comunicação é unidirecional, do professor para o aluno; a relação é relativamente distante (o professor é considerado um “Ser Superior”) e por vezes fria (Reid, 1997). Em contraste com esta situação existe a relação mentor(ajudador)/pessoa guiada, na qual existe uma comunicação bilateral e na qual o professor é um facilitador das experimentações do aluno, dando-lhe ideias musicais para este ter em consideração. Trata-se de guiar o aluno e de o ajudá-lo a descobrir as suas próprias experiências musicais (Lehmann *et al.*, 2007: 187). Na opinião dos autores, dentro deste modelo os alunos têm um papel mais ativo, tanto na sua relação com o professor como na aula, e isso dá-lhes confiança e um sentimento mais forte de autonomia. Há vários fatores que podem ser decisivos para a relação professor/aluno se tornar mestre/aprendiz ou mentor(ajudador)/pessoa guiada, como, por exemplo, a diferença de idades e a diferença de nível técnico-musical entre ambos. Também é possível uma relação destas ser um misto das duas anteriores (Lehmann *et al.*, 2007: 187).

Olsson (1997: 296) constata que, segundo estudos efetuados no passado, os professores mostram mais a tendência de transmitir a sua desaprovação aos alunos do que o seu contentamento, mesmo sabendo que, em geral, o uso da crítica positiva é mais eficaz na “modelação” do aluno que a crítica negativa (teoria apoiada por Booth, 2009: 30). Isto torna-se mais visível na relação mestre/aprendiz, apesar de se encontrar em ambas. Existem professores que, na relação mestre/aprendiz, acabam por transformar a sua autoridade dentro da aula em autoritarismo. Ao contrário deste autoritarismo, o papel do mentor (ajudador) é o de ser um supervisor e um “bom” modelo a todos os níveis para o aluno (Olsson, 1997: 297, 298). Segundo estudos realizados por Madsen e Duke (1985) sobre se a crítica positiva era ou não mais eficaz do que a crítica negativa na aprendizagem musical, os autores deste texto fazem-nos a surpreendente afirmação de que, ao contrário do esperado, os alunos de música parecem saber lidar bastante bem com a crítica negativa durante as aulas e parecem mesmo beneficiar dela.

Na opinião de Booth (2009: 37), a relação dos alunos com os seus professores de instrumento é como de um filho que imita as ações e traços de personalidade do pai, ou seja, um terceiro tipo de relação. Até o que vestimos parece poder ter importância, segundo este autor.

No que toca ao quarto tipo de relação, tenho observado um esforço da parte dos professores envolvidos (em geral jovens) em se tornarem um amigo do aluno (como os amigos que este tem, por exemplo, na escola, da sua idade), tentando colocar-se ao seu nível em vários aspetos, como por exemplo a linguagem, a demonstração de interesses e gostos, o vestuário, o sentido de humor, a existência de diálogos com troca de confidências pessoais, tentando portanto estar de igual para igual na relação estabelecida. Este tipo de relação não é em nenhuma parte abordado pelos livros e artigos que encontrei sobre o tema. Todo este assunto é, como se pode ver, complexo e passível de muita escrita, reflexão e investigação.

Passo de seguida a apresentar a análise aos questionários feitos em Portugal de modo a podermos comparar as respostas dos nossos professores e alunos com os resultados dos estudos efetuados noutros países e as opiniões dos autores acima mencionados. Verificaremos se os mesmos estão de acordo com a realidade do nosso país.

## Método

Para realizar este estudo dirigi-me no mês de fevereiro de 2010, após ter obtido permissão das respetivas Direções, aos seguintes conservatórios de música: Escola de Música do Conservatório Nacional (Lisboa – no dia 11), Conservatório de Música do Porto (no dia 8), Conservatório de Música da Metropolitana (Lisboa, nos dias 9 e 10) e Conservatório de Cascais (no dia 5). Os dois primeiros são as duas maiores escolas públicas de música do país. O terceiro é a maior escola de música privada do país. O último é uma escola de música privada com apoios públicos (contrato de patrocínio).

É de salientar que o Conservatório de Cascais foi a primeira escola a ser visitada e que se verificou que algumas questões (tanto no questionário dos professores como no dos alunos) estavam demasiado extensas. Estas foram adaptadas e/ou encurtadas e algumas (poucas) foram eliminadas e outras acrescentadas. Isto resultou num questionário ligeiramente diferente, que foi depois aplicado de igual modo nas três escolas que foram posteriormente visitadas. Devido a estas alterações houve a necessidade de se fazer uma base de dados à parte e consequentes análises estatísticas diferentes para algumas das respostas dadas pelo Conservatório de Cascais. É por este motivo que na secção de resultados e discussão, de cada vez que é apresentado um quadro de respostas, aparece um quadro em separado para este Conservatório.

Em cada uma destas escolas dirigi-me primeiramente aos professores de aulas individuais de instrumento ou canto que se encontravam a dar aulas no dia da visita, nas suas salas de aula; foi-lhes entregue um questionário para eles próprios preencherem, explicando-lhes claramente os objetivos do estudo. Se se mostravam interessados em cooperar, o que aconteceu na maioria dos casos, era-lhes também entregue o número de questionários para alunos que os mesmos me diziam que iriam ensinar nesse dia. Todos os questionários foram respondidos por professores e alunos que tinham aulas no próprio dia da visita. Nunca foi contactado nenhum aluno diretamente; todos os questionários respondidos pelos alunos foram-lhes entregues pelos seus próprios professores. Foi pedido aos professores que nunca identificassem o seu questionário e que transmitissem o mesmo pedido aos alunos. Por fim foi-lhes ainda explicado que nunca deveriam deixar os alunos preencher os questionários enquanto estivessem consigo na aula nem que recebessem os questionários já respondidos, mas que instruissem os alunos a entregarem

as respostas nas receções das respetivas escolas, onde os funcionários teriam envelopes específicos para os colocar; isto para evitar que os mesmos, por receio que os professores lessem as suas respostas, não fossem sinceros no preenchimento. Alguns questionários já respondidos foram-me entregues diretamente.

Não foi imposto qualquer limite de idades, inferior ou superior, aos professores inquiridos. Pelo contrário, aos alunos foi colocado um limite inferior (3.º grau ou 12 anos de idade) mas não superior. Apesar disto, alguns professores entregaram questionários a certos alunos seus de apenas 10 e 11 anos por crerem que estes já mostravam maturidade suficiente para os preencherem, questionários estes que foram analisados cuidadosamente e aceites como válidos. É possível portanto observar que se encontram entre os inquiridos alunos desde os 10 anos a pessoas em idade adulta. Não foram colocadas restrições relativas ao género, à nacionalidade, nem a outro qualquer tipo de fator, nem a professores nem a alunos.

O nível de ensino dos alunos a quem foram direcionados os questionários é variado: existem estudantes do curso de iniciação (poucos), dos cursos básico, preparatório e secundário (1.º ciclo, 2.º ciclo e 3.º ciclo), do curso livre e do curso profissional, ou seja, de todos os cursos possíveis exceto o superior.

Pelo facto de, no dia da visita, alguns professores terem apenas alunos com menos de 12 anos ou não terem alunos de todo, somente eles responderam ao questionário; deste modo existem questionários de professores sem os questionários dos seus alunos, mas não existem questionários de alunos sem os dos respetivos professores.

Houve um total de 33 inquiridos de professores que foram dados como válidos (dos quais 17 são do sexo masculino, e 16 do sexo feminino) e 67 inquiridos de alunos dados também como válidos (dos quais 35 do sexo masculino, e 32 do sexo feminino) no conjunto dos quatro conservatórios. A média das idades dos professores que responderam aos questionários é de 29 anos no Conservatório de Cascais e de 38 anos nos restantes Conservatórios e a média de idades dos alunos (nos quatro Conservatórios) é de 17 anos.

Para a análise estatística da totalidade das respostas dadas foi utilizado o programa SPSS 19.

## Resultados e discussão

Pelo facto dos questionários serem muito extensos em ambos os casos (49 perguntas nos questionários dos professores e 39 perguntas nos questionários dos alunos), não foram analisadas as respostas a todas as questões. Foram pois escolhidas as respostas às perguntas mais relevantes para o presente estudo.

Apresentam-se em primeiro lugar os resultados dos professores.

Os resultados são os seguintes no Conservatório de Cascais.

### Na minha relação com os meus alunos considero-me extrovertido?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pouco	1	12,5	14,3	14,3
	Muito	3	37,5	42,9	57,1
	Bastante/extremamente	3	37,5	42,9	100,0
	Total	7	87,5	100,0	
S/resp.	System	1	12,5		
Total		8	100,0		

Restantes Conservatórios.

### Na minha relação com os meus alunos considero-me extrovertido?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pouco	4	16,0	18,2	18,2
	Muito	9	36,0	40,9	59,1
	Bastante/extremamente	9	36,0	40,9	100,0
	Total	22	88,0	100,0	
S/resp.	System	3	12,0		
Total		25	100,0		

72,72% pensam ser “Muito” ou “Bastante/extremamente” extrovertidos com os seus alunos nas aulas; apenas 15,15% responderam “Pouco” e 12,12% não responderam. Tentou fazer-se um cruzamento de dados entre os professores que se consideram mais ou menos extrovertidos e a sua percepção dos resultados e evolução dos alunos; porém, como a percentagem de professores que se considera pouco extrovertidos é muito baixa, os resultados não são conclusivos, apesar de apontarem para uma confirmação do que Lehmann, Sloboda e Woody escreveram nos textos mencionados na revisão bibliográfica (2007: 200-203): os

Apesar de todos os professores serem titulares de habilitação própria, apenas 18,18% têm profissionalização ou mestrado ligado à pedagogia e 9% não responderam à questão.

27,27% dos professores inquiridos lecionam há 5 anos ou menos e os restantes 72,72% lecionam há mais de 5 anos. Destes últimos, 58,33% já dão aulas há mais de 15 anos.

Apesar de haver uma percentagem importante de professores que se considera pouco ou muito pouco extrovertida no seu dia a dia, a autopercepção deste traço de carácter muda bastante quando se fala do interior da sala de aula.

professores mais extrovertidos parecem conseguir melhores resultados dos seus alunos.

Todos os professores questionados revelam sentir-se muito ou bastante concretizados ao dar aulas, algo que Booth (2009) afirma ser essencial à obtenção de uma boa relação com os alunos e de resultados satisfatórios e evolução positiva da parte destes (esta questão não foi colocada no questionário do Conservatório de Cascais).

No Conservatório de Cascais verificaram-se os seguintes resultados em relação às seguintes perguntas.

Penso sobre a relação que estabeleço com os meus alunos e nas suas consequências? Isso preocupa-me?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	1	12,5	14,3	14,3
	Muito pouco/ quase nada	1	12,5	14,3	28,6
	Muito	3	37,5	42,9	71,4
	Bastante/extremamente	2	25,0	28,6	100,0
	Total	7	87,5	100,0	
S/resp.	System	1	12,5		
Total		8	100,0		

Essa relação é como é propositadamente?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito pouco/ quase nada	1	12,5	14,3	14,3
	Muito	5	62,5	71,4	85,7
	Bastante/extremamente	1	12,5	14,3	100,0
	Total	7	87,5	100,0	
S/resp.	System	1	12,5		
Total		8	100,0		

Respostas dos restantes Conservatórios.

Penso sobre a relação que estabeleço com os meus alunos e nas suas consequências? Isso preocupa-me?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito pouco/ quase nada	1	4,0	4,2	4,2
	Pouco	1	4,0	4,2	8,3
	Muito	7	28,0	29,2	37,5
	Bastante/extremamente	15	60,0	62,5	100,0
	Total	24	96,0	100,0	
S/resp.	System	1	4,0		
Total		25	100,0		

Essa relação é como é propositadamente?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	1	4,0	5,0	5,0
	Muito pouco/ quase nada	1	4,0	5,0	10,0
	Pouco	3	12,0	15,0	25,0
	Muito	9	36,0	45,0	70,0
	Bastante/extremamente	6	24,0	30,0	100,0
	Total	20	80,0	100,0	
S/resp.	System	5	20,0		
Total		25	100,0		

Pude constatar, através de cruzamento de dados, que quem é titular de profissionalização ou mestrado ligado à pedagogia parece preocupar-se sempre com o tipo de relação que estabelece com os alunos, ao contrário dos restantes professores, com alguns dos quais isto não acontece; os diplomados parecem também querer ter mais controlo sobre o modo como a relação é construída do que quem não é titular daquelas habilitações. No entanto, uma vez que a amostra de professores que têm profissionalização

ou mestrado ligado à pedagogia é muito pequena, estes resultados não são conclusivos.

Todos os professores inquiridos dizem dedicar-se muito ou bastante a cada aluno que têm.

Caracterização do tipo de relação:

Em relação às preocupações dos professores sobre a opinião que os alunos têm deles, obtivemos os seguintes resultados.

Conservatório de Cascais.

**Na aula, preocupo-me em como os alunos me vêm, o que pensam de mim e se gostam de mim ou não?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	1	12,5	12,5	12,5
	Depende do aluno	1	12,5	12,5	25,0
	Por vezes	3	37,5	37,5	62,5
	Frequentemente	3	37,5	37,5	100,0
	Total	8	100,0	100,0	

Restantes Conservatórios.

**Na aula, preocupo-me em como os alunos me vêm, o que pensam de mim e se gostam de mim ou não?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	2	8,0	8,0	8,0
	Depende do aluno	2	8,0	8,0	16,0
	Por vezes	7	28,0	28,0	44,0
	Frequentemente	8	32,0	32,0	76,0
	Sempre	6	24,0	24,0	100,0
	Total	25	100,0	100,0	

Verificamos portanto que são poucos os professores que não se preocupam de todo com a opinião que os alunos têm deles. A maioria preocupa-se ao ponto de adaptar a sua linguagem, embora isso provavelmente se deva também ao facto de quererem que os alunos os compreendam melhor, dependendo das suas idades e contextos sociais. Esta ideia é apoiado por Olsson (1997: 296), e Booth (2009: 228) nos textos abordados anteriormente. No entanto, no que toca a adaptar a linguagem oral até ao ponto de se exprimir exatamente como eles (permitindo o uso de linguagem familiar ou até calão e respondendo-lhes da mesma forma),

apenas 6,06% respondem que o fazem “Sempre” ou “Frequentemente”; 33,33% afirmam que isso acontece “Por vezes/depende do aluno” e 51,51% que isso “Nunca” ou “Raramente” acontece (9,09% não responderam).

A maioria dos professores preocupa-se muitas vezes com o que os alunos pensam deles ao ponto de alterar a sua linguagem corporal: 15,15% dizem não a alterar “Nunca” ou “Raramente”; 36,36% responderam “Por vezes/depende do aluno”; 42,42% responderam que “Frequentemente” ou “Sempre” (6,06% não responderam à questão). A maioria afirma nunca adaptar a sua forma de vestir para se “aproximar”

dos seus alunos (78,78%), sendo que 15,15% dizem fazê-lo raramente e apenas 3,03% o fazem frequentemente. 3,03% dos inquiridos não responderam à questão.

À pergunta “Penso que é importante, para uma boa evolução do aluno, que este tenha uma relação próxima de amizade comigo?”, 33,33% dos professores responderam que “Muito pouco” ou “Pouco” e os restantes 66,66% responderam “Muito” ou “Bastante”.

33,33% dos professores consideram “Muito” ou “Bastante/extremamente” importante manter uma certa distância na relação para uma boa evolução do aluno; 57,57% responderam “Pouco” ou “Muito pouco/quase nada”; e 9,09% responderam que a distância não era “Nada” importante. Sobre se o respeito e a disciplina deverem ou não ser o mais importante da relação, 21% respondem “Nada”, “Muito pouco” ou “Pouco” enquanto que 75% dizem ser “Muito” ou “Bastante” importante. Houve 3,03% dos inquiridos que não respondeu a esta questão.

Relativamente aos professores pensarem que era importante para a boa evolução dos alunos que a relação fosse quase filial, as respostas dividiram-se entre o “Nada”, “Quase nada” ou “Pouco” (66,66%) e o “Muito” ou “Bastante” (30,03%). 3,03% dos inquiridos não respondeu a esta questão.

Chega-se assim à conclusão que, segundo estes dados, a maioria dos professores descreve a relação que tem com os alunos como sendo do tipo “mentor(ajudador)/pessoa guiada”, ao apresentar claramente uma preferência pelas características deste tipo de relação (amizade com grande ênfase no respeito, sem grande alteração da sua linguagem oral – em relação ao uso da linguagem familiar e/ou calão –, corporal e maneira de vestir, e aulas menos formais). Estes dados foram confirmados pelas respostas dos alunos, apresentadas de seguida. Observamos também, em Portugal, que existem mais professores de acordo com o tipo de relação mentor/pessoa ajudada, seguidos pelos que parecem preferir a relação filial. Por fim aparece a relação mencionada como sendo do tipo “amigo/amigo”, na qual os professores tentam estar completamente ao nível dos alunos e ser mais um amigo destes, adaptando tudo o que concerne à sua maneira de ser para que isto aconteça. Em Portugal parecemos estar de acordo com os autores Lehmann *et al.* (2007: 187) quando estes afirmam que o tipo de relação “mentor(ajudador)/pessoa guiada” tem demonstrado ser o melhor tipo de relação possível com os alunos e o que obtém destes os melhores resultados.

É interessante verificar que a maioria dos professores pensa que o tipo de relação que estabelece com os seus alunos se deve à sua educação familiar e/ou religiosa (57,57%); 66,66% da totalidade pensa que este tipo de relação se deve em muito ao(s) professor(es) que eles próprios tiveram quando estudaram (influência positiva). Apenas 27,27% dos professores parecem ter ficado marcados negativamente pelos seus próprios professores a ponto de dizerem que tentam ser com os seus alunos o oposto do que os seus professores foram com eles.

45,45% dos professores dizem que, nas aulas, “Nunca”, “Por vezes/depende do aluno” ou “Raramente” são naturais; ou seja, são realmente eles próprios, do mesmo modo como são no seu dia a dia. Os restantes 54,54% responderam que são “Sempre” ou “Frequentemente” naturais na sua maneira de ser com os alunos. É de salientar que estes dados indicam que praticamente metade dos professores em Portugal não são “genuínos” na sua relação com os alunos; talvez se escondam por trás da dita “máscara de professor” contra a qual escreveu Booth (2009: 37).

Em resposta à questão relativa a nas suas aulas o ambiente ser em geral formal, 39,39% responderam que “Nunca” ou “Raramente”, 36,36% responderam que “Por vezes/depende do aluno” e 6,06% disseram “Frequentemente”. 18,18% não responderam à questão.

Quase a totalidade dos professores (93,93%) responderam que tentam “Sempre” ou “Frequentemente” ter energia e ser dinâmicos nas suas aulas. Apenas 6,06% dizem tentar ter estas características nas aulas “Por vezes” ou que depende do aluno. Os alunos confirmam largamente esta perceção que os professores têm de si próprios ao afirmarem que isto é “Muitas vezes” ou “Sempre” verdade (76,12%).

48,48% dos inquiridos declararam que os alunos só “Raramente” ou “Por vezes/depende do aluno” se sentem à vontade com eles para lhes contarem experiências e problemas pessoais; 45,45% responderam a esta pergunta com “Frequentemente”. 6,06% não responderam à questão.

Quanto à pergunta que pretendia saber se, durante o tempo de aula, os professores conversam com os alunos sobre diversos assuntos (que podem ou não estar diretamente ligados aos objetivos da lição), 3,03% responderam que “Raramente”, 54,54% disseram que “Por vezes/Depende do aluno” e 42,42% responderam “Frequentemente” ou “Sempre”. Cruzaram-se estas respostas com os professores que têm uma profissionalização ou mestrado ligados à pedagogia e obtiveram-se os seguintes resultados.

## Conservatório de Cascais.

Tem alguma profissionalização (ou Mestrado/Doutoramento ligado à pedagogia)?		Sim	Não	Total
Nas aulas: gosto de conversar um pouco com os alunos e ouvi-los, mesmo quando se trata de coisas que não tenham a ver com a aula ou com a música	Depende do aluno	0	1	1
	Por vezes	0	3	3
	Frequentemente	0	3	3
Total		0	7	7

## Restantes Conservatórios.

Tem alguma profissionalização (ou Mestrado/Doutoramento ligado à pedagogia)?		Sim	Não	Total
Nas aulas: gosto de conversar um pouco com os alunos e ouvi-los, mesmo quando se trata de coisas que não tenham a ver com a aula ou com a música	Raramente	1	0	1
	Depende do aluno	1	1	2
	Por vezes	1	10	11
	Frequentemente	2	5	7
	Sempre	1	1	2
Total		6	17	23

É interessante verificar que quem não tem estas habilitações aparenta maiores tendências para gostar de conversar com os alunos durante as aulas, mesmo quando esta conversa nada tem a ver com o assunto da aula em si. 9,09% dos inquiridos não respondeu a pelo menos uma destas questões.

Foram também cruzadas estas respostas com os anos de experiência de ensino de cada professor, mas as respostas foram muito dispersas, não havendo tendências propriamente ditas nos grupos de professores mais ou menos experientes.

Quando se pergunta aos professores que métodos usam para motivar os seus alunos, as respostas mais significativas foram as seguintes: elogios (63,63% dos inquiridos dizem “Sempre” ou “Frequentemente”) e apoio moral (57,57% dizem “Sempre” ou “Frequentemente”).

Os métodos de motivação menos usados são: humilhação (90,9% afirmam “Nunca” ou “Raramente”), intimidações (84,84% afirmam “Nunca” ou “Raramente”, apesar dos 12,12% que dizem “Por vezes/depende do aluno”), ameaças (81,81% afirmam “Nunca” ou “Raramente”, apesar dos 12,12% que dizem “Por vezes/depende do aluno”), comparações com os seus colegas (51,51% responderam “Nunca” ou “Raramente”, apesar dos 39,39% que dizem “Por vezes/

depende do aluno”), provocações (54,54% respondeu “Nunca” ou “Raramente”, apesar dos 39,39% que disseram “Por vezes/Depende do aluno”), ironias (48,48% afirmam “Nunca” ou “Raramente”, apesar de 45,45% dizerem “Por vezes/Depende do aluno”) e longas conversas filosóficas (48,48% dizem “Nunca” ou “Raramente”). Alguns professores (poucos) disseram recorrer a outros métodos de motivação, não especificando quais.

60,6% dos professores pensam que os seus alunos “Nunca” ou “Raramente” reagem mal aos estímulos que usam na sua relação com eles para os motivarem (mencionados nos parágrafos anteriores), enquanto que 18,18% afirmam que isto acontece “Por vezes” e que depende do aluno. 3,03% responderam “Frequentemente” e 18,18% não responderam à questão.

Muitos dos inquiridos crêem que os seus alunos têm “Frequentemente” uma boa evolução e bons resultados na aprendizagem do instrumento (75,75%), sendo que 3,03% dizem mesmo “Sempre”. Apenas 18,18% dizem que “Por vezes/depende do aluno”. 3,03% não responderam à questão.

A grande maioria dos professores diz ter um nível “Nulo” ou “Baixo” de desistências na sua classe (93,93%). Apenas 3,03% dizem “Médio/Normal” e 3,03% dizem “Alto”.

Finalmente, as duas questões de maior importância para o estudo tiveram as seguintes respostas.

A grande maioria dos professores crê que a sua maneira de ser e interagir com os alunos tem influenciado os resultados dos mesmos, assim como a sua progressão ou nível de desistências. Muito poucos pensam “Sempre” ou

“Frequentemente” em mudar o tipo de relação que têm com os alunos para que os resultados destes melhorem (15,15%). 39,39% respondem que só pensam nisso “Por vezes” e que depende do aluno e 39,39% “Nunca” ou “Raramente” pensam em mudar o tipo de relação estabelecida. 6,06% dos professores não responderam à questão.

Conservatório de Cascais.

**Penso que a minha maneira de ser e interagir com os alunos tem influenciado de alguma maneira os resultados, desistências ou continuação de estudos dos mesmos?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	1	12,5	12,5	12,5
	Depende do aluno	1	12,5	12,5	25,0
	Por vezes	4	50,0	50,0	75,0
	Frequentemente	2	25,0	25,0	100,0
	Total	8	100,0	100,0	

**Penso que deveria mudar algo na minha maneira de ser em relação aos alunos e/ou a relação que estabeleço com eles para que eles obtenham melhores resultados?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	3	37,5	37,5	37,5
	Por vezes	2	25,0	25,0	62,5
	Frequentemente	2	25,0	25,0	87,5
	Sempre	1	12,5	12,5	100,0
	Total	8	100,0	100,0	

Restantes Conservatórios.

**Penso que a minha maneira de ser e interagir com os alunos tem influenciado de alguma maneira os resultados, desistências ou continuação de estudos dos mesmos?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Raramente	1	4,0	4,2	4,2
	Por vezes	3	12,0	12,5	16,7
	Frequentemente	15	60,0	62,5	79,2
	Sempre	5	20,0	20,8	100,0
	Total	24	96,0	100,0	
S/resp.	System	1	4,0		
Total		25	100,0		

**Penso que deveria mudar algo na minha maneira de ser em relação aos alunos e/ou a relação que estabeleço com eles para que eles obtenham melhores resultados?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	3	12,0	13,0	13,0
	Raramente	7	28,0	30,4	43,5
	Depende do aluno	5	20,0	21,7	65,2
	Por vezes	6	24,0	26,1	91,3
	Frequentemente	1	4,0	4,3	95,7
	Sempre	1	4,0	4,3	100,0
	Total	23	92,0	100,0	
S/resp.	System	2	8,0		
Total		25	100,0		

Apresentam-se de seguida os resultados dos questionários dos alunos.

Sobre a escolha do professor de instrumento os alunos responderam o que se segue.

Conservatório de Cascais.

**O facto de me ter tornado aluno deste professor dependeu de mim ou do meu encarregado de educação?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	3	27,3	30,0	30,0
	Pouco	2	18,2	20,0	50,0
	Muito	3	27,3	30,0	80,0
	Bastante/extremamente	2	18,2	20,0	100,0
	Total	10	90,9	100,0	
S/resp.	System	1	9,1		
Total		11	100,0		

Restantes Conservatórios.

**O facto de me ter tornado aluno deste professor dependeu de mim ou do meu encarregado de educação?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	13	23,2	25,0	25,0
	Muito pouco/ Quase nada	1	1,8	1,9	26,9
	Pouco	3	5,4	5,8	32,7
	Muito	14	25,0	26,9	59,6
	Bastante/extremamente	21	37,5	40,4	100,0
	Total	52	92,9	100,0	
S/resp.	System	4	7,1		
Total		56	100,0		

Como se pode observar, na área da música os alunos e seus encarregados de educação têm muitas vezes um papel ativo na escolha dos professores. Neste caso tratou-se da maioria dos inquiridos (62,5%). Quando perguntamos o porquê da escolha do professor em questão, as respostas são variadas.

A razão de topo da lista é o ser um bom músico (38 alunos); logo de seguida, a razão mais apontada foi que o professor em questão parecia “simpático” (32 alunos). Depois destas razões, que foram as mais “votadas”, veio a de que esse professor tem “fama de ser bom professor” e de que os seus alunos são conhecidos por terem bons resultados (29 alunos). Bastantes respondem ainda ter sido devido aos horários que os professores tinham disponíveis, que se adaptavam melhor às suas necessidades (27). Alguns afirmam que escolheram o professor devido a recomendações de colegas e/ou amigos (22) e poucos dizem que foi uma escolha ao acaso (10). Somente três responderam que tinham escolhido esse professor por inexistência de outro melhor disponível na escola, ou seja, escolheram esse professor mas teriam preferido ficar com outro. Como se pode constatar, alguns dos alunos escolheram mais do que uma hipótese de resposta, o que era permitido nesta questão.

Outro dado interessante é o relativo ao tempo em que os alunos já estudam com os seus professores. A grande maioria está há cinco anos ou menos com o atual professor (83,58%); apenas 11,94% estão com os seus professores há mais de cinco anos. 4,47% não responderam à questão. Digo que este dado é interessante porque existe um bom número de inquiridos que frequenta os cursos secundário e profissional de instrumento (44,77% dos inquiridos), o que significa que normalmente são alunos que tocam o seu instrumento há pelo menos 5 anos (no mínimo); cruzando os dados do nível de ensino frequentado e dos anos que os alunos estão com o professor atual, verificou-se que 83,33% dos alunos do nível secundário e profissional já mudaram de professor pelo menos uma vez, desconhecendo-se os motivos; 3,33% não responderam à questão. Os restantes 50,74% da totalidade dos alunos frequentam o curso básico de instrumento/voz ou o curso livre; nestes casos é difícil saber ao certo há quanto tempo estão a aprender o seu instrumento.

No que se refere ao ambiente na aula e à caracterização da relação com o professor realizaram-se várias perguntas, entre elas com que frequência os alunos pensavam que o ambiente na aula é “Formal” (sério). As respostas foram as seguintes.

Conservatório de Cascais.

O ambiente das minhas aulas é: formal (sério)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	2	18,2	18,2	18,2
	Raramente	2	18,2	18,2	36,4
	Por vezes	3	27,3	27,3	63,6
	Muitas vezes	3	27,3	27,3	90,9
	Sempre	1	9,1	9,1	100,0
	Total	11	100,0	100,0	

Restantes Conservatórios.

#### O ambiente das minhas aulas é: formal (sério)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	11	19,6	20,4	20,4
	Raramente	13	23,2	24,1	44,4
	Por vezes	12	21,4	22,2	66,7
	Muitas vezes	12	21,4	22,2	88,9
	Sempre	6	10,7	11,1	100,0
	Total	54	96,4	100,0	
S/resp.	System	2	3,6		
Total		56	100,0		

Os resultados são muito variados. 41,79% respondem que o ambiente “Nunca” ou “Raramente” é formal, 22,38% afirmam que “Por vezes” e 32,83% responderam que “Muitas vezes” ou “Sempre”. 2,98% não responderam à questão. Estes resultados estão mais ou menos de acordo com as respostas dos professores dadas à mesma pergunta, na percentagem de inquiridos que respondeu “Nunca” ou “Raramente” (39,39%); no entanto, mais professores pensam que isto só acontece “Por vezes” (36,36%) do que os alunos. Aparentemente estes últimos não estão de acordo com os professores sobre a resposta “Frequentemente” (6,06% dos professores contra os 32,83% dos alunos).

Quando se pergunta se os alunos sentem que têm uma relação próxima de amizade com os seus professores, 71,13% respondem que “Muitas vezes” ou “Sempre”, 13,43% dizem que “Por vezes” e 5,97% dizem que “Nunca” ou “Raramente”. 7,46% não responderam à questão. Se pensarmos que 66,66% dos professores afirmaram que pensam que a relação próxima de amizade com o aluno é “Muito” ou “Bastante” importante para a boa evolução deste, verificamos que esta convicção está a ser posta em prática eficazmente, pelo menos do ponto de vista da perceção dos alunos.

Perguntou-se se os alunos pensam que a relação que têm com o professor se deve ao contributo de ambas as partes e 83,58% dos alunos responderam que “Sempre” ou “Muitas

vezes”, 11,94% assinalaram “Por vezes” e 2,98% responderam “Raramente”. 1,49% não responderam à questão.

Sobre o tempo que se passa na sala de aula a conversar sobre assuntos que não têm a ver com música, 29,85% dizem que acontece “Muitas vezes” ou “Sempre” (contra os 42,42% dos professores), 43,28% referem que acontece “Por vezes” (contra os 54,54% dos professores) e 23,88% responderam que “Nunca” ou “Raramente” (contra os 3,03% dos professores). 2,98% dos alunos não responderam à questão. Comparando estas respostas com as dos seus professores (à mesma pergunta) verificamos que ambas não estão de acordo; talvez isso se deva à noção de tempo diferente dos professores, ou a uma vontade da parte dos alunos de passar ainda mais tempo a dialogar. No entanto, os alunos confirmam a tendência para a “conversaço”: sobre a frequência com que se fala de assuntos musicais dentro da aula, 94,02% dizem que “Sempre” ou “Muitas vezes” e 5,97% não responderam à questão. Estes dados dizem-nos que em Portugal ainda existe bastante o hábito de dedicar muito tempo ao diálogo com os alunos durante a aula, o que é visto por Olsson (1997: 296), Booth (2009: 30) e Lehmann *et al.* (2007: 195) como algo errado e prejudicial à conquista de objetivos nas aulas.

Sobre como os alunos reagem ao que os professores lhes transmitem, e ao modo como o fazem, veja-se o seguinte.

Conservatório de Cascais.

**Durante as aulas eu reajo bem à maneira de ser do meu professor, às coisas que ele me diz e como as diz?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muitas vezes	2	18,2	22,2	22,2
	Sempre	7	63,6	77,8	100,0
	Total	9	81,8	100,0	
S/resp.	System	2	18,2		
Total		11	100,0		

Restantes Conservatórios.

**Durante as aulas eu reajo bem à maneira de ser do meu professor, às coisas que ele me diz e como as diz?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Por vezes	5	8,9	9,1	9,1
	Muitas vezes	18	32,1	32,7	41,8
	Sempre	32	57,1	58,2	100,0
	Total	55	98,2	100,0	
S/resp.	System	1	1,8		
Total		56	100,0		

Como se pode verificar, a maioria dos alunos parece reagir sempre ou quase sempre bem aos estímulos dos seus professores. Estes resultados confirmam as respostas dos professores, cuja maioria (60,6%) tinha respondido que os seus alunos “Nunca” ou “Raramente” reagiam mal aos estímulos de motivação que usam na sua relação. 18,18% dos professores responderam “Por vezes”, contra apenas 7,46% dos alunos. Neste caso, são os alunos os mais otimistas.

Perguntou-se aos alunos se eles sentiam que os seus professores gostavam deles como indivíduos e 76,11% responderam que “Sempre” ou “Muitas vezes”. 11,94% afirmam que “Por vezes” e 2,98% responderam “Nunca” ou “Raramente”. 8,95% não responderam à questão.

Quando se perguntou qual a frequência com que o aluno pensava mudar de professor, os resultados foram muito expressivos.

Conservatório de Cascais.

**Penso em mudar de professor?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	8	72,7	80,0	80,0
	Raramente	1	9,1	10,0	90,0
	Muitas vezes	1	9,1	10,0	100,0
	Total	10	90,9	100,0	
S/resp.	System	1	9,1		
Total		11	100,0		

Restantes Conservatórios.

**Penso em mudar de professor?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	48	85,7	87,3	87,3
	Raramente	2	3,6	3,6	90,9
	Por vezes	2	3,6	3,6	94,5
	Muitas vezes	2	3,6	3,6	98,2
	Sempre	1	1,8	1,8	100,0
	Total	55	98,2	100,0	
S/resp.	System	1	1,8		
Total		56	100,0		

88,06% responderam “Nunca” ou “Raramente”, 2,98% responderam “Por vezes” e apenas 5,97% responderam “Muitas vezes” ou “Sempre”. 2,98% não responderam à pergunta.

À pergunta “Penso em desistir das aulas de instrumento/canto?”, as respostas foram ainda mais expressivas: 88,06% afirmaram que “Nunca” pensam nesta possibilidade, 4,47% responderam “Raramente”, 2,98% disseram que “Por

vezes” e apenas 1,49% responderam “Muitas vezes”. 2,98% não responderam à questão. Isto confirma a tendência que os professores apontaram em relação ao baixo nível de desistências na sua classe, ou mesmo nulo (93,93%).

Por fim, ao colocarmos as questões mais importantes do estudo aos alunos (relacionadas com as duas perguntas anteriores), estes responderam de seguinte forma.

Conservatório de Cascais.

**A relação pessoal que tenho com o meu professor e a sua maneira de ser nas aulas tem influência na resposta que dei às duas perguntas anteriores?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	1	9,1	11,1	11,1
	Raramente	1	9,1	11,1	22,2
	Por vezes	2	18,2	22,2	44,4
	Muitas vezes	1	9,1	11,1	55,6
	Sempre	4	36,4	44,4	100,0
	Total	9	81,8	100,0	
S/resp.	System	2	18,2		
Total		11	100,0		

Restantes Conservatórios.

**A relação pessoal que tenho com o meu professor e a sua maneira de ser nas aulas tem influência na resposta que dei às duas perguntas anteriores?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	13	23,2	23,6	23,6
	Raramente	4	7,1	7,3	30,9
	Por vezes	4	7,1	7,3	38,2
	Muitas vezes	20	35,7	36,4	74,5
	Sempre	14	25,0	25,5	100,0
	Total	55	98,2	100,0	
S/resp.	System	1	1,8		
Total		56	100,0		

Apesar de ainda haver uma percentagem considerável de alunos que responde “Nunca” ou “Raramente” (28,35%), a maioria afirmou que “Muitas vezes” ou “Sempre” (58,2%).

Somente 8,95% responderam “Por vezes” e 4,47% não responderam à questão.

As respostas à questão final.

Conservatório de Cascais.

**Creio que o tipo de relação pessoal que tenho com o meu professor contribui para a motivação que tenho (ou a falta dela), assim como para a evolução e as notas que tenho tido no meu instrumento?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	1	9,1	9,1	9,1
	Muitas vezes	5	45,5	45,5	54,5
	Sempre	5	45,5	45,5	100,0
	Total	11	100,0	100,0	

Restantes Conservatórios.

**Creio que o tipo de relação pessoal que tenho com o meu professor contribui para a motivação que tenho (ou a falta dela), assim como para a evolução e as notas que tenho tido no meu instrumento?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	1	1,8	1,8	1,8
	Raramente	3	5,4	5,5	7,3
	Por vezes	5	8,9	9,1	16,4
	Muitas vezes	20	35,7	36,4	52,7
	Sempre	26	46,4	47,3	100,0
	Total	55	98,2	100,0	
S/resp.	System	1	1,8		
Total		56	100,0		

Mais uma vez o resultado foi muito expressivo e mostra o acordo de uma grande maioria: 83,58% responderam “Sempre” ou “Muitas vezes”, apenas 7,46% responderam “Por vezes” e 7,46% disseram que “Nunca” ou “Raramente”. 1,49% não responderam à pergunta. Professores e alunos estão nestas respostas em sintonia com a ideia de que esta relação é de extrema importância na motivação e boa evolução do aluno; relembro que 66,66% dos professores pensavam que essa relação é “Sempre” ou “Frequentemente” importante, 24,24% pensavam que “Por vezes/depende do aluno” e apenas 6,06% responderam que “Nunca” ou “Raramente” (3,03% não respondeu à questão). É interessante que, apesar dos resultados de professores e alunos se confirmarem, os alunos pareçam dar ainda mais importância e valor a esta relação do que os próprios professores.

## Conclusões

Os dados obtidos a partir da análise dos resultados do presente estudo indicam-nos que, de facto, a relação pessoal que se estabelece entre um professor e o seu aluno no contexto da aula individual de instrumento é de extrema importância no desenvolvimento deste último como músico. Pode até chegar a determinar a continuação ou não do aluno na aprendizagem do instrumento. Ainda antes do aluno iniciar as aulas com um determinado professor, segundo este estudo, só o facto deste parecer ou não simpático já influencia grandemente a escolha do mesmo por parte do aluno (é o segundo maior motivo de seleção de um professor, a seguir ao facto dele ser ou não um bom músico).

A partir das respostas obtidas, podemos afirmar que em Portugal estamos de acordo com os estudos verificados anteriormente noutros países sobre o tipo de relação com mais resultados positivos da parte do aluno, que parece ser o tipo “mentor(ajudador)/pessoa guiada”, sendo que os alunos se sentem em segurança com os seus professores, aceitando bem, na sua maioria, as suas sugestões e estímulos, e se sentem apreciados pelos mesmos como indivíduos.

Se os professores a lecionar em Portugal se encontram frustrados e não gostam do seu trabalho, este facto foi omitido nas respostas aos questionários. Segundo este estudo, a maioria dos professores em Portugal aprecia realmente a sua profissão. Apesar disto, um ponto menos positivo é que ainda há uma percentagem considerável que não se considera natural nas aulas, na sua relação com os alunos.

Outro ponto negativo encontrado é a grande tendência nos professores em Portugal para dispensar muito tempo da aula em diálogos com os seus alunos.

O balanço final na relação professor/aluno em Portugal mostra-se bastante positivo, levando a crer, pelas respostas apresentadas, que a grande maioria dos professores se sente realizada na sua profissão e tem uma boa atitude para com os alunos, e que estes últimos estão satisfeitos com os seus professores e se sentem motivados graças à relação que têm com eles. Terá este resultado algo a ver com a grande subida do nível artístico, técnico e musical que se verificou nas gerações de músicos em Portugal nos últimos 10 anos? Seria relevante aprofundar esta questão em estudos posteriores.

É interessante ainda constatar, apesar dos resultados positivos obtidos, o grande número de professores que se verificou não serem profissionalizados nem terem um grau de mestre com ligação à pedagogia.

Devido ao elevado número de variáveis não foi possível neste artigo aprofundar certas áreas e características da relação; seria desejável no futuro prosseguir com este trabalho e realizar mais estudos com amostras maiores, de modo a conhecer ainda melhor esta realidade dos conservatórios portugueses.

## Referências Bibliográficas

- Booth, E. (2009). *The Music Teaching Artist's Bible: Becoming a Virtuoso Educator*. New York: Oxford University Press.
- Davidson, J. W., Sloboda, J. A., Moore, D. G. & Howe, M. J. A. (1998). "Characteristics of music teachers and the progress of young instrumentalists" em *Journal of Research in Music Education*, 46, 141-160.
- Grainger, R. (2003). *Group spirituality: A workshop approach*. East Sussex; New York: Psychology Press, Brunner-Routledge.
- Kemp, A. (1996). *The musical temperament: psychology and personality of musicians*. New York: Oxford University Press.
- Lehmann, A. C., Sloboda, J. A. & Woody, R. H. (2007). *Psychology for Musicians: Understanding and Acquiring the Skills*. New York: Oxford University Press.
- Madsen, C. K. & Duke, R. A. (1985). "Observation of approval/disapproval in music: Perception versus actual classroom events" em *Journal of Research in Music Education*, 33, 205-214.
- Olsson, B. (1997). "The Social Psychology of Music Education" em D. J. Hargreaves & A. C. North (Eds.), *The Social Psychology of Music*. New York: Oxford University Press, 290-303.
- Pembroke, R. & Craig, C. (2002). "Teaching as a profession" em R. Colwell & C. Richardson (Eds.), *The new handbook of research on music teaching and learning*. New York: Oxford University Press, 786-817.
- Reid, A. (1997). "The meaning of music and the understanding of teaching and learning in the instrumental lesson" em E. Gabrielsson (Ed.), *Proceedings of the Third Triennial ESCOM Conference*, Uppsala University, 3, 200-5.
- Sigelman, C. K. & Rider, E. A. (2009). *Life-Span human development* (6.<sup>a</sup> Ed.). Belmont, USA: Wadsworth Cengage Learning.
- Welch, G. & Ockelford, A. (2009). "The Role of the Institution and Teachers in Supporting Learning" em S. Hallam, I. Cross & M. Thaut (Eds.), *The Oxford Handbook of Music Psychology*. New York: Oxford University Press, 307-319.

## Curiosidades

Apesar de nenhum docente apreciar que se lhe imponha o modo como se deve comportar socialmente com os seus alunos, e apesar de cada caso ser diferente dos outros, uma vez que existem estudos feitos, aqui estão algumas conclusões tiradas e pontos que devem ser levados em consideração para a obtenção de melhores resultados, de acordo com os autores mencionados na revisão bibliográfica.

A relação deve ter por base o respeito mútuo e a troca de ideias, segundo Lehmann *et al.* (2007), e uma cumplicidade intensa, de acordo com Olsson (1997) e Booth (2009); deve também existir uma atmosfera onde não haja receio de mostrar sentimentos (Booth, 2009), devem pensar-se e relacionar-se os objetivos da aula com os gostos dos alunos (para este fim é necessário conhecê-los) (Olsson, 1997); deve existir sentido de humor e momentos de descontração (Booth, 2009); os professores devem saber colocar grandes perguntas (abertas) e dar tempo à reflexão (Booth, 2009).

Com os alunos no período da infância: deve ser uma relação de carinho e apoio afetivo em relação à música (citação de Lehmann *et al.*, 2007, de a Davidson *et al.*, 1998).

Com os alunos no período pós-infância: as aulas devem ser constantemente um desafio pessoal e musical (citação de Lehmann *et al.*, 2007, de Davidson *et al.*, 1998: 141-160).

## Anexos

Por curiosidade, uma vez que este assunto foi abordado na revisão bibliográfica, apresento aqui os resultados para a seguinte questão.

Foi perguntado aos professores quão frequentemente assinalavam em primeiro lugar aos seus alunos as coisas que fizeram mal naquilo que acabaram de tocar e as respostas foram as seguintes: “Nunca” ou “Raramente”, 21,21%; “Por vezes/Depende do aluno”, 39,39%; “Sempre” ou “Frequentemente”, 36,36%. 3,03% não responderam à questão.

Muitos alunos confirmam o facto dos professores insistirem mais e primeiro nos pontos negativos do que nos pontos positivos. 67,16% dos alunos afirmam que isto acontece “Sempre” ou “Muitas vezes” (contra 36,36% dos professores); apenas 11,94% dizem “Por vezes” (contra 39,39% dos professores) e 13,43% “Nunca” ou “Raramente” (contra 21,21% dos professores). 7,46% não responderam à questão. Mais uma vez, alunos e professores têm uma percepção diferente dos acontecimentos na aula; neste caso, os alunos veem a crítica aos seus pontos negativos mais ampliada do que os professores pensam que fazem.

Procedeu-se a um cruzamento destes dados com as respostas à pergunta sobre a percepção que os alunos têm dos seus próprios resultados e evolução e viu-se o seguinte.

### Conservatório de Cascais.

		Considero que tenho tido com este/a professor/a avaliações (notas) e uma evolução:			Total
		Excelentes	Boas	Médias/ razoáveis	
O meu professor: só me diz as coisas más que eu faço	Nunca	1	2	0	3
	Raramente	0	1	0	1
	Por vezes	0	0	1	1
	Muitas vezes	1	0	1	2
	Sempre	0	1	0	1
Total		2	4	2	8

### Restantes Conservatórios.

		Considero que tenho tido com este/a professor/a avaliações (notas) e uma evolução:			Total
		Excelentes	Boas	Médias/ razoáveis	
O meu professor: só me diz as coisas más que eu faço	Nunca	0	1	1	2
	Raramente	0	1	1	2
	Por vezes	3	1	3	7
	Muitas vezes	1	11	3	15
	Sempre	7	15	2	24
Total		11	29	10	50

Estes dados parecem querer confirmar o que Madsen e Duke (1985) disseram sobre os alunos de música lidarem bem com a crítica negativa, ao contrário dos resultados dos

dados de toda a pesquisa feita a nível pedagógico nesta área, e que esta crítica negativa parece até ser benéfica para eles.

